



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da IX Feira Internacional do Plástico

São Paulo – SP, 10 de março de 2003

É a segunda vez que eu venho a São Paulo, num evento oficial, e a prefeita Marta e o governador Alckmin estão me fazendo um bem muito grande, porque eu sou obrigado a falar pouco, na medida que eles falaram pouco. Normalmente a gente faz um discurso e esquece de terminar.

Eu quero ser muito breve, e dizer ao governador Geraldo Alckmin e à prefeita Marta Suplicy, aos empresários do setor plástico, aqui representados nesta Feira extraordinária, aos ministros aqui presentes, que nós precisamos adotar, como hábito político nosso, freqüentar as feiras existentes no nosso país. Porque é exatamente numa feira que a gente consegue visualizar, sentir muito de perto, aquilo que nós temos de inovação tecnológica, aquilo que nós temos de modernidade produtiva e aquilo que nós temos de fonte geradora de riquezas e de trabalho no nosso país.

Esta feira, que é tida como a terceira mais importante do setor, no mundo, só é possível porque nós temos o Anhembi, porque temos um Alcântara Machado, porque há empresários dispostos e corajosos de mostrar aquilo que são capazes de fazer, e porque temos os trabalhadores brasileiros, que eu acho que, sem eles, nenhum de nós estaria aqui e nem estaríamos fazendo uma feira.

Eu acabo de vir da Mercedes Benz, onde ouvi, do Presidente daquela empresa, a frase de que os trabalhadores brasileiros na indústria automobilística e na Mercedes Benz fazem, hoje, produtos de melhor qualidade que os seus parceiros na Alemanha. E essa junção de investimentos públicos, combinados com investimentos privados, com uma classe trabalhadora bem formada, com incentivos às pequenas e às médias empresas brasileiras, é que irá permitir que a gente possa, dentro de pouco tempo, jogar o pessimismo na lata do lixo e começar a acreditar



que, neste imenso país, não há espaço para choradeira, não há espaço para aves de mau agouro. E há espaço, pura e simplesmente, para a gente acreditar que o Brasil será do tamanho da consciência política, empresarial e econômica de cada um de nós. Essa combinação é que pode permitir chegarmos a um grande avanço em apenas 70 dias de governo.

Quando escolhi o Furlan para ser ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, quando escolhi o Roberto Rodrigues para ser ministro da Agricultura, é porque eu queria um “meio de campo” que fizesse um papel na política internacional que até então não tínhamos feito.

Se é verdade que o nosso país precisa exportar, gerar superávit na nossa balança comercial, para nos tornarmos cada vez mais independentes do capital externo, nós só podemos demonstrar que queremos isso colocando pessoas certas para fazerem isso. E eu acho que o Furlan e o Roberto Rodrigues, um na área da indústria e do comércio e o outro na área da agricultura, são pessoas que estão para o Brasil como pessoas da melhor qualidade. E se eles não fizerem, eu acho difícil que outros consigam fazer mais. E a ordem do Presidente é curta, mas não grossa: é de dizer para eles que a nossa obsessão é aumentar a nossa balança comercial. Por isso nós temos que fazer política exterior com mais competência e com muito mais força do que nós fizemos até agora. É preciso acabar o tempo de brasileiro viajar para o exterior e falar só de mortalidade infantil, de criminalidade, de carnaval ou de futebol. Tudo isto existe, mas existe também o outro lado do Brasil competente, do Brasil competitivo, e nós não temos que nos apresentar ao mundo como se fôssemos os pobrezinhos.

Este país é grande, tem uma base industrial, tem tecnologia, tem uma base universitária, tem uma classe trabalhadora bem formada. É só a gente querer que a gente passa a ser respeitado no mundo.

Durante a campanha eu dizia uma coisa: nenhum país do mundo será mais rico, mais competitivo, se as taxas de juros reinantes forem mais atrativas do que as taxas de lucros advindas da produção.



Da mesma forma que nós temos que dizer que nenhum país do mundo conseguirá ser competitivo se as empresas e os exportadores tiverem que exportar encargos sociais e impostos para o mundo inteiro.

É por isso que nós fizemos um compromisso na campanha, que no primeiro semestre de 2003 – e aqui há vários empresários que estavam em quase todos os debates –, nós iríamos mandar para o Congresso Nacional uma reforma tributária.

Porque reforma tributária todo mundo quer, mas na hora em que você pergunta qual a sua, cada um tem a sua e aí, se não houver um grupo de pessoas dispostas a costurar um consenso necessário, não um consenso que interesse a esse ou àquele setor, a esse ou àquele estado, mas à Nação, essa política tributária não sai.

É por isso que o governador Alckmin sabe do orgulho que eu fiquei quando convidei os 27 governadores de estados do meu país, para, numa reunião em Brasília, durante 2 dias, definirmos o projeto de política tributária que nós queremos para o Brasil.

E quero dizer para vocês que não vou precisar esperar o mês de junho. Muito antes de junho nós vamos mandar o projeto de política tributária para ser discutido no Congresso Nacional e eu não tenho dúvida em dizer, com o apoio dos 27 governadores de estados, para que a gente possa construir a maioria no Congresso Nacional, que nós precisamos para aprovar a reforma tributária. Da mesma forma, a reforma política e a da Previdência Social.

Eu não tinha barba branca, eu não tinha cabelo branco, quando eu ouvia dizer que era preciso fazer reforma na Previdência Social. E eu assumi o compromisso de mandar também essa reforma, ainda no primeiro semestre, e com a ajuda dos 27 governadores e dos prefeitos das capitais, porque também vamos convocar uma reunião dos prefeitos das capitais.

Nós vamos, antes de maio, mandar também a proposta de reforma na Previdência Social para o Congresso Nacional.

Sabe o meu companheiro Jaques Wagner, ministro do Trabalho, sabe o



companheiro Luiz Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, sabe todo o Governo e sabem todos os empresários que já conversaram comigo: nós continuamos com a mesma obsessão da campanha para gerar empregos. Nós só vamos gerar empregos se a indústria crescer, e a indústria só vai crescer se houver mercado consumidor aqui e mercado consumidor lá fora.

A indústria só vai crescer se o BNDES tiver a competência de distribuir o pouco dinheiro que tem para todos e não para meia dúzia de apadrinhados que conseguem pegar quase todo o dinheiro de financiamento. Principalmente, atender às micro, pequenas e médias empresas que não têm acesso a este dinheiro e, quando vão ao sistema financeiro particular e têm que pegar dinheiro para o seu capital de giro, assinam o empréstimo de um lado e a falência do outro, porque já sabem, de antemão, que não vão poder pagar os juros contraídos.

É por isso que eu quero dar os parabéns pela Feira e dizer que eu pretendo, não sei quantas vezes, vir ao Anhembi. Mas o fato de eu participar da feira é para dar uma pequena demonstração a vocês de que eu acredito que a indústria nacional, em qualquer ramo de atividade econômica, não deve nada a nenhuma indústria de lugar nenhum do mundo. O que nós precisamos é acreditar na nossa competência, na nossa capacidade, nos nossos trabalhadores, na nossa formação e, sobretudo, acreditar que o nosso país vai deixar de ser um gigante adormecido para ser um gigante acordado, competindo em igualdade de condições com os outros países do mundo.

É por isso que vamos negociar com muita seriedade na Alca. Queremos negociar, sim, mas não queremos imposição. Queremos negociar, sim, mas queremos que as nossas empresas sejam respeitadas, que a nossa agricultura seja respeitada. Queremos negociar, fortalecer o Mercosul, trazer novos países para o Mercosul. E o dia em que todos nós pararmos de acreditar que o que se produz lá fora é melhor do que se produz aqui dentro, e acreditar no que nós produzimos, nós deixaremos de ser um país emergente para sermos a grande potência que todos nós sonhamos no mundo.



E, para terminar, eu queria falar de uma coisa que não faz parte da Feira. Nós estamos próximos a um acontecimento sobre o qual nós não temos controle e muitas vezes não podemos fazer nada, que é a iminência de uma guerra. Eu quero dizer para vocês, empresários, que, embora estejamos a 8 mil quilômetros de distância dos Estados Unidos, embora estejamos a 14 mil quilômetros do Iraque, a verdade é que essa guerra já começa a trazer prejuízos para o Brasil e para outros países. Eu espero que cada um de nós tenha um gesto para fazer com que o mundo entenda que o povo, a humanidade, neste momento, está carecendo mais de educação, mais de saúde, mais de alimentação, muito mais de paz do que de uma guerra, que poderá trazer prejuízos e malefícios para a sociedade e, sobretudo, para a parte mais pobre do planeta Terra.

É por isso que o governo brasileiro não entende por que não há mais sacrifício dos governantes do mundo inteiro, para que a gente consiga encontrar uma solução em que se possa fiscalizar devidamente o Iraque, mas que a gente possa, também não, permitir que a guerra seja a única e a última saída. Afinal de contas, eu olho na cara de vocês e não vejo ninguém querendo guerra. Eu vejo todo mundo querendo paz. E eu acho que é isso que os governantes do mundo devem buscar a partir de hoje.

rsm/cms